

## A ordem das palavras na sentença latina: pontos de interface no discurso metalinguístico antigo

FÁBIO DA SILVA FORTES

Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Brasil

RESUMO. Marouzeau (1922) introduz a sua obra com a afirmação um tanto categórica, ainda que emblemática, de que a ordem das palavras em latim é livre, mas não indiferente. Considerando a particularidade do discurso metalinguístico antigo, temos como meta, nesse trabalho, contemplar as afirmações no âmbito da retórica (QUINTILIANO, *Institutio oratoria* 8-9), da filosofia (SÊNECA, *Epistulae ad Lucilium* 100 e 114) e da gramática (PRISCIANO, *Institutiones grammaticae* 17), que embasem o relato da filologia clássica acerca da ordem das palavras em latim. Nesta investigação, consideramos, também, as interfaces e particularidades do discurso metalinguístico antigo, nesses três âmbitos, acerca do que, posteriormente, adquiriria autonomia epistemológica – a sintaxe da língua latina.

PALAVRAS-CHAVE. Latim; ordem das palavras; metalinguagem antiga; filologia; sintaxe.

A afirmação de Marouzeau de que “a ordem das palavras em latim é livre, mas não é indiferente”<sup>1</sup> pode ser facilmente comprovada empiricamente, quando, diante dos textos legados pela tradição latina, observamos que, ao lado da aparente flexibilidade de emprego das palavras na sentença, parecem coexistir particularidades de caráter estilístico e discursivo que, se não determinam, influem no emprego de dada palavra em uma ou outra posição na sentença.

Com efeito, diante do texto escrito, sobretudo os de caráter retórico e poético, que constituem a maior parte do *corpus* de texto latino, a ordem e o emprego das palavras veiculam informações para além da sua sintaxe, são elementos constitutivos da própria natureza do gênero literário a que se filiam, e representam variações de estilo para a produção de diferentes

Email: fabiosfortes@yahoo.com.br

Professor Assistente de Língua e Literatura Latina da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Doutorando em Linguística/Letras Clássicas pela UNICAMP.

<sup>1</sup> MAROUCHEAU, J. *L'ordre des mots dans la phrase Latine*, I: les groupes nominaux, Paris, Honoré Champion, 1922, p. 1.

efeitos estéticos. Em outras palavras, citando Jakobson, a “poeticidade” se manifesta no fato de que “as palavras e sua sintaxe, sua significação, sua forma externa e interna não são índices indiferentes da realidade, mas possuem seu próprio peso e seu próprio valor”<sup>2</sup>.

Os diferentes “pesos” e “valores”, por assim dizer, concedidos à ordem das palavras nos textos latinos é o objeto que interessa a este trabalho. O intuito é buscar na tradição antiga observações oferecidas por alguns autores acerca da relativa liberdade de ordem na sentença latina, considerando as particularidades da abordagem dessa questão no domínio da filosofia, retórica<sup>3</sup> e gramática antigas. No domínio da retórica, apresentaremos passagens dos livros VIII e IX da *Institutio oratoria*, de Quintiliano. Na filosofia, passaremos por fragmentos de Sêneca nas epístulas 100 e 114 de suas *Epistulae morales*, endereçadas a Lucílio. No âmbito da gramática antiga, apresentaremos trechos contidos no livro XVII das *Institutiones grammaticae*, de Prisciano e no livro I do *Peri syntáxeōs*, de Apolônio Díscolo.

Não objetivamos a apresentar um relato exaustivo da maneira como o tema comparece na tradição latina, mas o de comentar exemplos dos autores acima assinalados, que possam contribuir para a compreensão da forma como o tópico da ordem das palavras é endereçado pela filologia clássica moderna, bem como a forma como os antigos se posicionavam diante do assunto. Para isso, o artigo se organiza da seguinte maneira: na primeira seção, apresentaremos as considerações no âmbito da retórica e da filosofia; na segunda revelaremos alguns desdobramentos desta questão nas gramáticas de Apolônio Díscolo e Prisciano; finalmente, veremos, no último item, como essas informações se entrelaçam para sustentar o relato da filologia clássica moderna acerca da “ordem das palavras” em latim.

### **A ordem das palavras nos discursos filosófico e retórico: Sêneca e Quintiliano**

Somando um conjunto de 124 composições supérstites, as epístolas morais a Lucílio (*Epistulae morales ad Lucillum*) destacam-se na epistolografia latina por representarem mais que um conjunto de cartas

<sup>2</sup> JAKOBSON, R. *Huit questions de poétique*, Seuil, Essais, 1977, p. 22.

<sup>3</sup> Agradeço ao Professor Dr. Paulo Vasconcellos as indicações em Sêneca e Quintiliano acerca da ordem das palavras, a partir das quais desenvolvi o presente artigo. Essas indicações eram parte de notas de aulas oferecidas no curso de Sintaxe do Período Latino oferecido à Pós-graduação em Linguística, cursado em 2008, no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

endereçadas e em resposta a Lucílio, que teria sido discípulo de Sêneca. Trata-se de peças que parecem perfazer um projeto filosófico mais amplo, cartas que foram, de fato, endereçadas a um interlocutor particular, mas que teriam o fito de também beneficiarem possíveis leitores externos<sup>4</sup>. As cartas de Sêneca abordam desde temas tradicionalmente recorrentes na epistolografia greco-romana (consolo ao que perde um ente querido, por exemplo) até temas transcendentais de matizes claramente filosóficos (a brevidade da vida, a noção estoica de *ratio*, a irrelevância dos bens mundanos, etc.).

Por se prestar ao veículo das ideias estoicas a que o filósofo esposava, seu estilo de escrita – ainda que filiado às convenções próprias do gênero epistolar – era questão de não menos importância no conjunto de sua obra. Dessa maneira, vale dizer que o “estilo simples”, muitas vezes confessado pelo filósofo, tratava-se, na verdade, de um procedimento de escrita que, além de configurar uma estilística própria do autor – muitas vezes alvo de críticas dos mestres de retórica seus coetâneos, como Quintiliano<sup>5</sup> e também descrita por Calígula como *harena sine calce*<sup>6</sup>, “areia sem cal”, dada a economia de recursos coesivos e retóricos –, era, ao mesmo tempo, a explicação e a concretização dos preceitos filosóficos ali apresentados. Esse é o motivo pelo qual é o próprio filósofo quem comenta o seu estilo e também tece considerações sobre o *modus scribendi* de outros, nas quais entram o seu posicionamento, é verdade, sobre questões de ordem metalinguística, mas nas quais reside, principalmente, uma preocupação de matiz sobretudo moral.

Assim, ao comentar o estilo em que escrevia suas cartas, Sêneca advoga para si um estilo “fácil” (*facilis*) e “não-trabalhado” (*inlaboratus*), em oposição a uma maneira “afetada” (*putide*) de se escrever:

Queixas receber cartas menos cuidadas de mim. Quem, de fato, fala de modo cuidadoso a menos que queira falar afetado? Qual seja a minha linguagem, não trabalhada e fácil, como se estivéssemos gozando do ócio ou caminhássemos, assim quero também as minhas cartas, que nada possuam de falso ou pouco natural.<sup>7</sup> (SÊN. *Ep. mor.* 75.1)

<sup>4</sup> EDWARDS, C. ‘Epistolography’, in HARRISON, S. (ed.), *A companion to Latin Literature*, Oxford, Blackwell, 2005, p. 277.

<sup>5</sup> *Inst. or.* 10.1.125-31.

<sup>6</sup> SÜET. *Caligula* 53.

<sup>7</sup> *Minus tibi accuratas a me epistulas mitti quereris. Quis enim accurate loquitur nisi qui uult putide loqui? Qualis sermo meus esset si una desideremus aut ambularemus, inlaboratus et facilis, tales esse epistulas meas uolo, quae nihil habent accersitum nec fictum.*

Uma atenção particular ao que é natural na linguagem é o que parece presidir as preocupações do filósofo na passagem acima. Para isso, Sêneca submete a retórica à preocupação da linguagem a serviço do verdadeiro, minimiza a *elocutio* latina a favor de uma espécie de “antirretórica”, desprovida do ornato, de inversões e de procedimentos de organização do discurso que o afastem do modo trivial e simples. Trata-se, de fato, nas palavras de Herington<sup>8</sup>, de uma verdadeira “revolução estilística” a favor de uma “revolução intelectual” em curso, por intermédio da filosofia; daí, nada de se espantar, a reação de Quintiliano em socorro ao estilo clássico, anos depois.

Diferente de Quintiliano, para Sêneca, as figuras da retórica – entre as quais aquelas que interferem diretamente na ordem das palavras – representam ornatos que tornariam, em sua concepção, o estilo de escrita menos natural e, portanto, menos claro. A relação é, então, direta entre o caráter e a escrita: o estilo e linguagem contrários ao que é natural é reflexo e resultado de uma personalidade igualmente extravagante:

Estas palavras, estruturadas de maneira tão ímproba, lançadas de maneira tão negligente, colocadas de maneira tão contrária ao costume de todos, demonstram também um caráter não menos inusitado, depravado e singular.<sup>9</sup> (SÊN. *Ep. mor.* 114.7)

No primeiro plano, coloca-se em evidência a relação entre o “viver bem” e o “bem dizer”; em segundo plano, comparece uma preocupação com a construção das palavras. Revela-se, assim, que a maneira como as palavras são estruturadas no discurso tem relevância para o labor do filósofo. Em outra passagem, o filósofo comenta mais especificamente como a ordem das palavras pode constituir um estilo seguro e despreocupado (*securus*):

Fabiano não era negligente no estilo, mas despreocupado. Assim, nada encontrarás ali de baixo: as palavras são escolhidas, não rebuscadas nem, à moda desta geração, colocadas contra a sua natureza e invertidas.<sup>10</sup> (SÊN. *Ep. mor.* 100.5)

<sup>8</sup> HERINGTON, C.J. ‘The younger Seneca’, in EASTERLING, P.E. et al., *The Cambridge history of classical literature*, Cambridge, Cambridge University Press, 1982, p. 515.

<sup>9</sup> *Haec uerba tam inprobe structa, tam neglegenter abiecta, tam contra consuetudinem omnium posita ostendunt mores quoque non minus novos et prauos et singulares fuisse.*

<sup>10</sup> *Fabianus non erat neglegens in oratione sed securus. Itaque nihil inuenies sordidum: electa uerba sunt, non captata, nec huius seculi more contra naturam suam posita et inuersa [...].*

Está em evidência, portanto, na passagem acima, que não somente o estilo com que se emprega a linguagem (o uso de certas palavras e não outras, por exemplo, o rebuscamento...), mas também a própria sintaxe (a inversão das palavras, como sendo recurso “anti-natural”) constituem preocupações dignas de ponderações pelo filósofo. Não se aborda diretamente a ordem das palavras enquanto fenômeno próprio da imanência linguística, mas esta se coloca como subproduto da atividade filosófica, visto que a língua e a linguagem é a matéria do labor filosófico por excelência.

Considerado por Marcial (c. 40-104 d.C.), que possivelmente teria sido seu discípulo, como “mestre sem igual da juventude inconstante, glória da toga romana”<sup>11</sup>, Quintiliano (c. 30-96 d.C.) foi, certamente, ao lado de Cícero, um dos maiores teóricos do saber legado pela retórica antiga. Preocupado com a formação dos futuros oradores, Quintiliano propôs em sua *Institutio oratoria* os fundamentos para a composição de um discurso que primasse pelo cuidado e a elegância, que considerasse o equilíbrio e os valores legados pela tradição clássica, especialmente ciceroniana (opondo-se, portanto, ao discurso aparentemente desregrado defendido por Sêneca).

Assim, enquanto o filósofo que o precedera em alguns anos privilegiava a linguagem próxima da fala, sem elaborações e ornamentos, Quintiliano, porém, no que tange ao discurso retórico, advogava que sua linguagem deveria levar em conta um tríplice aspecto: a ordem das palavras, a ligação e o ritmo<sup>12</sup>. Não se trata de uma questão simplesmente técnica no que diz respeito ao gênero oratório; trata-se, na verdade, de um posicionamento diante da linguagem radicalmente oposto ao de Sêneca: a fórmula atribuída a Catão e apropriada por Quintiliano, já bem o diz: *uir bonus, dicendi peritus*<sup>13</sup> (“homem bom, hábil no falar”). As qualidades morais excelentes que caracterizam o orador ideal (*bonus*) são igualmente representadas no apuro com que se utiliza da linguagem no seu discurso (*peritus*).

Assim, muito mais que aceito, o cuidado com as palavras é aconselhável; a postulação daqueles que, tal como Sêneca, condenavam inversões ou advogassem uma ordem mais ou menos fixa para as palavras, mais próxima do que seria “natural”, era, para Quintiliano, no mínimo um pedantismo excessivo:

<sup>11</sup> MARCIAL *Ep.* 2.90 ... *uagae moderator summe iuuentae, Gloria Romanae... togae...*

<sup>12</sup> QUINT. *Inst. or.* 9.4.22: “Além disso, em toda composição, três gêneros são necessários: ordem, ligação e ritmo.” (*In omni porro compositione tria sunt genera necessaria, ordo, iunctura, numerus.*)

<sup>13</sup> QUINT. *Inst. or.* 12.1.1: “Que o orador que constituímos para nós seja aquele definido por M. Catão: ‘homem bom, hábil no discursar.’” (*Sit ergo nobis orator quem constituimus is qui a M. Catone finitur uir bonus dicendi peritus.*)

É um tanto excessiva a observação de algumas pessoas de que os nomes devem preceder aos verbos; os verbos, aos advérbios; os nomes, aos apostos e pronomes; pois, com efeito, a ordem é inversa e, frequentemente, não desagradável.<sup>14</sup> (QUINT. *Inst. or.* 9.4.24)

Com efeito, para o mestre de retórica de Calagurris, as inversões que se possam produzir na ordem das palavras não somente produzem seqüências aceitáveis, como, como se observa no passo seguinte, constitui ela mesma um artifício retórico virtuoso, conhecido, desde há muito, pelo nome grego de *hyperbaton* e, em latim, pela palavra *transgressio*<sup>15</sup>:

Não injustamente, contamos também, entre as virtudes do estilo, o hipérbato, isto é, a transposição (*transgressio*) da palavra, já que o trato da disposição e a elegância (*decor*) o reclamam com frequência. Com efeito, a oração se torna frequentemente áspera, dura, descuidada e desconexa se as palavras são nela arrançadas por força da ordem.<sup>16</sup>

(QUINT. *Inst. or.* 8.6.62)

Por outro lado, porém, a utilização das inversões requer certo equilíbrio: para Quintiliano o bom discurso se caracteriza por ser adequadamente ordenado, as inversões longas podem torná-lo obscuro:

É rico, porém, aquele discurso ao qual se aplica uma ordem correta, uma ligação adequada e, com estes, um ritmo bem encadeado. Na verdade, há algumas inversões demasiadamente longas, conforme expusemos nos outros livros, e, ao mesmo tempo, também viciosa na composição [...].<sup>17</sup>

(QUINT. *Inst. or.* 9.4.27).

<sup>14</sup> *Illa nimia quorundam fuit observatio, ut uocabula uerbis, uerba rursus aduerbiis, nomina appositis et pronomibus essent priora; nam fit contra quoque frequenter non indecore.* (QUINT. *Inst. or.* 9.4.24)

<sup>15</sup> Em outro manual de retórica, de autoria desconhecida, a *Retórica a Herênio* (*Rhet. ad Herennium* 4.44.55), o conceito de *transgressio* recebe uma especialização: tomado, *lato sensu*, o *hyperbaton* da gramática grega, que em latim era traduzido por *transgressio*, poderia se dividir em dois fenômenos distintos: a inversão propriamente dita (*peruersio*) e a disjunção (*transiectio/traiectio*).

<sup>16</sup> *Hyperbaton quoque, id est, uerbi transgressionem, quoniam frequenter ratio comparationis et decor poscit, non immerito inter virtutes habemus: fit enim frequentissime aspera, et dura, et dissoluta, et hians oratio, si ad necessitatem ordinis sui uerba redigantur.*

<sup>17</sup> *Felicissimus tamen sermo est, cui et rectus ordo, et apta iunctura, et quum his numeros opportune cadens contigit. Quaedam uero transgressiones et longae sunt nimis, ut superioribus diximus libris, et interim etiam compositione vitiosae [...].*

Assim, em suma, para Quintiliano, a ordem das palavras (assim como o próprio ritmo e a ligação entre os termos) se coloca como recurso de elaboração retórica. A estrutura sintática da língua latina possibilita a utilização da inversão (*hyperbaton/transgressio*) para produzir um discurso elegante. Porém, sua utilização não é absolutamente livre: inversões longas demais resultam em composições viciosas (*uitiosae*). A própria oração poderá ser considerada mal-construída, caso a ordem não seja cuidadosamente pensada, conforme vemos em outra passagem:

Tais palavras, eu julgo, brevemente foram ditas sobre a ordem, a qual, se é ruim, ainda que a oração seja bem encadeada e com bom ritmo, será, entretanto, considerada mal-feita.<sup>18</sup>

(QUINT. *Inst. or.* 9.4.32)

Em síntese: Sêneca e Quintiliano consideram a ordem das palavras no enunciado latino a partir de dois pontos de vista diferentes. Para o filósofo romano, a apreciação da ordem na sintaxe da oração é uma posição filosófica: o artifício retórico que engendra a inversão das palavras produz rebuscamento e artificialidade, atenta contra uma certa “naturalidade” da língua. Assim, para Sêneca, o discurso verdadeiramente virtuoso não é aquele que possua os ornatos retóricos, mas aquele que soe natural e despreocupado. A ordem das palavras na sentença latina é abordada, portanto, como subproduto e resultado de uma reflexão de caráter filosófico.

Para Quintiliano, porém, os recursos expressivos da língua, entre os quais a alteração da ordem das palavras na sentença (*transgressio*), revelam-se artifícios legítimos para se produzir um discurso elegante. A sua preocupação não reside em apreciar, portanto, a fala comum, mas em estabelecer as balizas que definem um discurso esteticamente elaborado que sirva para propósitos retóricos e que destaquem a fala do orador ideal daquela do cidadão comum e revele a nobreza de caráter daquele. A ordem das palavras torna-se, portanto, uma variável importante a ser considerada pelos oradores para produzir bons discursos.

É importante ainda destacar que, embora, em Quintiliano, estejamos diante de um texto que apresenta os fundamentos da retórica romana, estamos também, e principalmente, de um texto que se ocupa da *formação* (*institutio*) dos antigos oradores. Disso advém, portanto, de modo análogo a Sêneca, uma preocupação com os oradores de caráter moral: não

<sup>18</sup> *Nemo est qui nesciat: haec arbitror, ut in breui, de ordine fuisse dicenda; qui, si uitiosus sit, licet et uincta sit et apte cadens oratio, tamen incomposita dicatur.*

se trata apenas de apreciar os elementos técnicos da retórica e produzir uma espécie de enciclopédia da oratória romana; trata-se, sobretudo, de identificar o bom discurso romano com o cidadão ideal, que é, ao mesmo tempo, o orador ideal.

### **A ordem das palavras na gramática antiga: Apolônio Díscolo e Prisciano de Cesareia**

O objeto-linguagem perpassa um grande número de disciplinas, muitas das quais têm a sua origem na Antiguidade greco-romana<sup>19</sup>. No último item, apresentamos, por exemplo, alguns fragmentos que consideram a inversão na ordem das palavras a partir das perspectivas filosófica e retórica; em nenhuma delas, porém, se considerou esse fenômeno em si mesmo, *i.e.*, a análise metalinguística era resultado de uma reflexão maior em outro domínio (retórico e filosófico).

No discurso gramatical antigo, porém, pode-se, pela primeira vez, afirmar que o estudo sistemático da língua começa a requerer a independência epistemológica dos saberes da retórica, filosofia e poética, embora, é preciso reconhecer, esse estudo não se dissociasse do repertório das produções que hoje consideramos “literárias”. Ao contrário, a gramática surgiu como espécie de estudo metalinguístico propedêutico à leitura dos autores, conforme verificamos, abaixo, com a definição seminal de Dionísio Trácio (c. II a.C.), a quem se atribui a primeira “gramática” ocidental, a *Téchnē grammatiké*: “gramática é o conhecimento empírico do que é comumente dito pelos poetas e prosadores”<sup>20</sup>.

Contudo, embora o horizonte de análise no discurso gramatical greco-romano esteja no âmbito da própria língua (e de seus produtos, os textos), a abordagem da ordem das palavras na sentença se desenvolveu tardiamente; no início predominam os modelos de *artes grammaticae*: um esquema tripartite que englobava o estudo das *litterae* e seus fenômenos, o estudo das *partes orationis* e o estudos das *figurae et uitia* da linguagem. A consideração de um espaço reservado à “sintaxe” das palavras, ao seu arranjo e ordem na sentença, comparece, pela primeira vez, na obra de Apolônio Díscolo, gramático do século II d.C.:

<sup>19</sup> DESBORDES, F. Les idées sur le langage avant la constitution des disciplines spécifiques, In: —, *Idées grecques et romaines sur le langage*, Travaux d'histoire et d'épistémologie, Paris, ENS, 2007, p. 41.

<sup>20</sup> Γραμματική ἐστὶν ἐμπειρία τῶν παρὰ ποιηταῖς καὶ συγγραφεῦσιν ὡς τὸ πολὺ λεγομένων.

Em nossos estudos apresentados anteriormente, tratamos sobre os vocábulos, conforme o assunto demandava, sua tradição foi revista. Agora, porém, o estudo seguinte abordará a sintaxe, que reúne as formas que levam à congruência da frase completa; meu projeto é expor esse assunto em detalhes, pois é muito necessário à explicação dos textos poéticos.<sup>21</sup> (APOL. 1.1)

O gramático helenístico anuncia o objeto de sua exposição: o estudo da sintaxe (σύνταξις), que tem como consequência a produção de uma oração completa (αὐτοτελὸς λόγος), bem como o objetivo desse estudo, a explicação dos textos poéticos (ἐξήγησις τῶν ποιημάτων); alinha-se, portanto, o estudo da ordem das palavras (sua disposição, ordem ou arranjo, que definem o campo da sintaxe) à tradição gramatical de Dionísio Trácio, tendo-se em vista um estudo posterior da tradição poética.

Na obra de Prisciano (c. VI d.C.), que declara seguir a autoridade (*aucloritas*) e os passos (*uestigia*) de Apolônio (PRISC. *Inst.* 17.2), a ideia de que o estudo da ordem das palavras tem como fim a construção de uma oração completa (*oratio perfecta*) também está presente:

Nas palavras acima, tratamos, portanto, da realização das palavras separadamente, conforme requeria o seu sistema; agora, porém, abordaremos a ordenação delas, a qual costuma se dar para a construção da oração completa.<sup>22</sup> (PRISC. *Inst.* 17.2)

Apolônio Díscolo e Prisciano desenvolverão, portanto, um sistema que tenha como meta a explicação da construção das palavras na sentença. Ambos desenvolvem um modelo teórico das unidades menores, as letras/sons (*litterae*), até as maiores, as orações (*orationes*), passando pelas palavras (*dictiones*). O princípio que rege a ordenação de cada um desses segmentos é o mesmo, definido pelo gramático latino como *ratio*:

Do modo que discernimos o sistema das letras, tanto pela observação da escrita quanto pelo sentido dos ouvidos, assim também julgamos o sistema do encadeamento na ordenação das palavras – se está correto

<sup>21</sup> Ἐν ταῖς προεκδοθείσαις ἡμῖν σχολαῖς ἢ περὶ τὰς φωνὰς παράδοσις, κατῶς ἀπῆται ὁ περὶ αὐτῶν λόγος, κατείλεται. ἢ δὲ νῦν ῥητησομένη ἐκδοσις περιέξει τὴν ἐκ τούτων γινομένην σύνταξιν εἰς καταλληλόντα τοῦ αὐτοτελοῦς λόγου, ἦν πάνυ προήρημαι, αναγκαιοτάτην οὖσαν πρὸς ἐξήγησιν τῶν ποιημάτων, μετὰ πάσει ἀκριβείας ἐκθέσθαι.

<sup>22</sup> *In supra dictis igitur de singulis vocibus dictionum, ut poscebat earum ratio, tractavimus; nunc autem dicemus de ordinatione earum, quae solet fieri ad constructione orationis perfectae.*

ou não. Com efeito, caso esteja incoerente, estando unidos desarmoniosamente os elementos da oração, produzir-se-á um solecismo, do mesmo modo que a desarmonia das letras ou das sílabas, ou de suas propriedades em cada uma das palavras, produz barbarismo. Portanto, do mesmo modo que o sistema correto da escrita ensina a junção correta das letras, assim também o sistema de ordenação revela a composição correta da oração.<sup>23</sup> (PRISC. *Inst.* 17.6)

Em suma, para os gramáticos greco-romanos Prisciano de Cesareia e Apolônio Díscolo, a construção das palavras, responsável pelo estudo de sua ordem, destaca-se como um objeto de estudo em si mesmo. O espaço particular que concedem, então, a esse domínio de análise da língua estaria presente nos desdobramentos posteriores dos estudos no campo da linguagem, redimensionando o próprio gênero gramatical, deslocando a atenção antes concedida, na terceira parte da antiga *ars grammatica*, às figuras e vícios de estilo, para aquela que se ocupa em determinar o princípio lógico ou sistemático (*ratio*) que preside a construção das palavras e determina, entre outros fatores, a sua ordem na sentença.

### A ordem das palavras latinas e a filologia clássica

A partir das considerações apresentadas dos autores antigos nos itens anteriores, podemos dizer que, no que tange à ordem das palavras, as contribuições nos diferentes domínios permitem-nos esboçar o seguinte quadro:

- 1) A ordem das palavras constitui um recurso de elaboração estilística, aconselhável para certos propósitos (cf. Quintiliano) e desaconselhável em outros (cf. Sêneca); em todo caso, a liberdade de emprego das palavras na sentença não passa despercebida entre os autores antigos e é objeto de polêmica em que comparece uma preocupação ético-moral e não apenas estilística.
- 2) A fixidez da ordem das palavras é considerada zelo excessivo e pedante, mas o exagero das inversões produz enunciados mal-construídos estilisticamente (cf. Quintiliano).

<sup>23</sup> *Quomodo autem literarum rationem vel scripturae inspectione vel aurium sensu diiudicamus, sic etiam in dictionum ordinatione disceptamus rationem contextus, utrum recta sit an non. Nam, si incongrua sit, soloecismum faciet, quasi elementis orationis inconcinne coeuntibus, quomodo inconcinnitas literarum vel syllabarum vel eis accidentium in sigulis dictionibus facit barbarismum. Sicut igitur recta ratio scripturae docet literarum congruam iuncturam, sic etiam rectam orationis compositionem ratio ordinationis ostendit.*

- 3) A ordem das palavras é livre, porém é sujeita a sistematizações (cf. Apolônio Díscolo e Prisciano), bem como o seu emprego indiferente produz solecismos (cf. Prisciano).

Assim, em outras palavras, importa dizer que, embora a liberdade possível na ordem dos termos da oração latina seja referendada e reconhecida no discurso metalinguístico antigo, por outro lado ela não prescinde de uma normatização, quer seja na esfera do discurso retórico e filosófico, quer seja do gramatical. Por esse motivo, os filólogos clássicos posteriores, ao se debruçarem sobre a ordem das palavras, afirmarão, conforme citamos alhures, que “a ordem das palavras em latim é livre, mas não é indiferente”<sup>24</sup>.

Além disso, a percepção de que, embora livre, a ordem não fosse indiferente em latim levou filólogos do século XIX e XX a produzirem (e ratificarem) a concepção de “ordem psicológica”, defendida primeiramente por Weil segundo a qual as alterações na ordem “natural” da sentença grega e latina é resultado da importância dada à sucessão das ideias, com ênfase nos termos que aparecem nas posições iniciais das sentenças. Trata-se de se eleger a posição inicial dos enunciados como um verdadeiro “lugar de honra”<sup>25</sup> para as categorias mais importantes do ponto de vista discursivo. Em defesa desse ponto de vista, também Marouzeau<sup>26</sup> elenca e comenta passagens dos textos latinos que corroborem o argumento de que as palavras essenciais ocupam o primeiro lugar<sup>27</sup>, onde lhes é conferido um “valor excepcional” na sentença. De igual modo, a segunda posição na sentença e a posição final também possuem um valor especial, pois, nesta, as palavras podem servir ao intento de produzirem “suspense” ou “surpresa”<sup>28</sup>, ao passo que, naquela, por uma herança do Proto-Indoeuropeu, algumas categorias são preferencialmente empregadas – o verbo *esse*, as conjunções e os termos subordinantes. A mesma

<sup>24</sup> MAROUCHEAU, J. *L'ordre des mots...*, p. 1.

<sup>25</sup> WEIL, H. *De l'ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues modernes*, Paris, 1844, p. 156.

<sup>26</sup> MAROUCHEAU, J., *L'ordre des mots dans la phrase Latine*. III: les articulations de l'énoncé. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

<sup>27</sup> Cf. MAROUCHEAU (1949, p. 138): na sentença latina (LUC. Ph. 5.357): *Mihi bella geram: discedite castram* (É para mim que farei a guerra...). A posição inicial do pronome dativo pressupõe ênfase concedida a essa informação, em oposição a uma construção teoricamente não-ênfática com o pronome em segunda posição e o verbo no final: *Bella mihi geram...*

<sup>28</sup> MAROUCHEAU, J., *L'ordre des mots en Latin*: volume complémentaire, Paris, Belles Lettres, 1953, p. 89-90.

análise é compartilhada por Meillet & Vèndryes<sup>29</sup>, com o adendo de que as observações sobre os “lugares de honra na sentença” se estendem, comparativamente, ao grego clássico, com a ressalva importante, entretanto, de que as observações acerca da ordem dos termos variam de autor para autor e, sobretudo, de gênero para gênero<sup>30</sup>.

Finalmente, no que concerne ao emprego particular da ordem das palavras que produz o hipérbato, Marouzeau considera-a um efeito eminentemente expressivo, próprio para reforçar os efeitos do estilo<sup>31</sup>, ao mesmo tempo em que analisa, em outro lugar, seus reflexos de natureza pragmático-discursiva, defendendo que

a intercalação de uma palavra estranha no grupo determinativo obriga o pensamento a interromper a sua marcha normal e a abrigar uma noção nova antes de voltar àquela em espera; é esse hiato, essa interrupção na sucessão das ideias que nos obriga a fixar a atenção no determinante [modificador, adjetivo].<sup>32</sup>

### Considerações finais

O tema da ordem das palavras latinas comparece nos trabalhos da filologia clássica vinculado à sua relação com o estilo da construção da sentença. A liberdade de ordem das palavras não é indiferente, pois engendra diferentes efeitos retóricos ou de ênfase na oração. Os filólogos consultados neste trabalho corroboram, assim, a visão dos antigos no que concernia a esse assunto.

O passo seguinte dessa pesquisa será observar em que medida a noção de *ratio* empregada à ordem das palavras – apresentada por Prisciano e outros gramáticos da antiguidade – é reelaborada nos discursos metalinguísticos contemporâneos sobre o assunto.

<sup>29</sup> MEILLET, A. & VÈNDRYES, J, *Traité de grammaire comparée des langues classiques*, Paris, Honoré Champion, 1953, 578-82.

<sup>30</sup> Cf. MEILLET (1953, p. 578): a poesia admite maior liberdade que a prosa, e faculta construções pouco comuns em textos de prosa, e a lírica ainda mais que a épica. Do mesmo modo, na prosa, os gêneros interferem: a prosa filosófica de Platão, por exemplo, apresenta uma variedade de ordem não encontrável na historiografia de Heródoto.

<sup>31</sup> Considerando que boa parte dos textos clássicos filia-se a convenções dos gêneros poéticos (lírica, épica, drama), bem como mesmo os textos em prosa não estejam isentos de elaboração estilística (retórica), parece-nos importante não descartar o fato de que a utilização de sintagmas descontínuos possa, de fato, prestar-se à produção de efeitos de sentido poético.

<sup>32</sup> Cf. MAROUZEAU, 1922, p. 219.

TITLE. *Word-order in the Latin sentence: interfacing aspects within the ancient metalinguistic discourse.*

ABSTRACT. Marouzeau (1922) introduces his work with the categorical assertion that the Latin word-order is free, but not indifferent. By considering the particularities of ancient metalinguistic discourse, we aim at addressing the considerations within the ancient rhetoric domain (QUINTILIAN, *Institutio oratoria* 8-9), philosophy (SENECA, *Epistulae ad Lucilium*, 100, 104) and grammar (PRISCIAN, *Institutiones grammaticae*, 17) which embases the Classical Philology point of view on the Latin word-order. In this investigation we also approach the interfaces and particularities of ancient metalinguistic discourse within these three different domains on what would receive an epistemological autonomy much later – the syntax of Latin language.

KEYWORDS. Latin; Word-order; ancient metalanguage; philology; syntax.